



HISTÓRIAS DE QUEM SABE REZAR: as benzedeadas de Estrela de Rondônia¹

Tatiane dos Santos Federichi²
Renata da Silva Nobrega³

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre as histórias de três mulheres camponesas do distrito de Estrela de Rondônia, em Presidente Médici, região central de Rondônia, a partir de suas práticas de benzeção. A pesquisa, que teve caráter etnográfico, se atentou para os saberes, vivências e histórias da benzedeadas de Estrela de Rondônia, em diálogo com o que estas práticas revelam sobre relações familiares intergeracionais, relações de gênero e de cuidado. A pesquisa teve por objetivo conhecer essas mulheres por meio de suas histórias de vida e de como se tornaram reconhecidas benzedeadas na região. Desse ponto de vista, o artigo realiza uma aproximação entre as benzedeadas e a Educação do Campo, valorizando as práticas populares de saúde, cruzando saber científico e conhecimentos populares. A experiência dessas mulheres indica que, a despeito da desvalorização dos saberes tradicionais na sociedade, a benzeção tem uma importância significativa no meio social onde atuam as benzedeadas de Estrela de Rondônia. Essas práticas mobilizam simultaneamente tradições e inovações do campesinato, sendo símbolo de resistência e coragem das mulheres do campo. O artigo discute ainda também os desafios para que esta prática continue viva, com a sucessão desses saberes ameaçada pelo desinteresse da juventude. Trata-se de uma contribuição contra o apagamento histórico dos saberes do campesinato, especialmente das mulheres camponesas.

Palavras-chave: Educação do Campo. Mulheres camponesas. Saberes tradicionais.

INTRODUÇÃO

*As mãos têm rugas, mas são sábias
e há setenta anos fazem isto: catam feijão.
Separam dos grãos os grãos
e do feijão as pedras e as palhas.
Como as mãos de **uma rainha** criam a ordem
e desenham no mapa da mesa
o lugar dos perdidos e o dos salvos.
Tocam cada grão dizendo um nome*

¹ Artigo apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal de Rondônia (UNIR). E-mail: tatyfederich@gmail.com

³ Professora do Curso de Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal de Rondônia (UNIR). E-mail: renatanobrega@unir.br

*e colocam de um lado o joio
e do outro o trigo. E a voz canta
uma canção de chamar os santos
sem saber que é do Nazareno
que as duas mãos falam na cozinha.*⁴
Carlos Rodrigues Brandão.

Com este poema, abro meu trabalho chamando atenção para a simplicidade e a delicadeza das mãos de mulheres camponesas que vêm, ao longo de suas vidas, semeando cura e proteção por meio da fé e de saberes que atravessam gerações e, mesmo, continentes, como mostrarei aqui. As histórias de três benzedadeiras de Estrela de Rondônia, distrito de Presidente Médici, na região central de Rondônia, conduzem os fios que tecem este texto. Contarei histórias que ouvi, rezas e benzeções que testemunhei, e também recebi, entre outros afetos trocados ao longo do período que venho me dedicando à pesquisa que resultou neste artigo.

O ato de benzer é uma forma de levar o bem-estar a quem precisa, sendo uma forma alternativa de produzir saúde (OLIVEIRA, 1983, p. 26). Para Elda Rizzo de Oliveira, a bênção “é um ato de súplica, de imploração, de pedido insistente aos deuses para que eles se dispam dos seus mistérios e se tornem mais presentes, mais concretos, para que tragam boas novas, produzindo benefícios aos mortais” (OLIVEIRA, 1985). Essa prática pode ser feita por quem tiver o dom de rezar. Dentro da minha pesquisa, notei que a maioria das pessoas que são adeptos a esta prática são mulheres, poucos são os homens que se interessam e os que praticam não gostam de falar sobre. Com as mulheres que conversei, nota-se que o benzer é uma herança de família trazida por suas mães, avós ou sogras⁵. De acordo com Santos (2009):

As rezadeiras ou benzedadeiras são mulheres que realizam as benzeduras, termo que abrange um repertório material e simbólico que pode ser bastante abrangente. Para executar a prática, elas acionam conhecimentos do catolicismo popular, como “súplicas” e “rezas”, com o objetivo de restabelecer o equilíbrio material ou físico e espiritual das pessoas que buscam a sua ajuda (SANTOS, 2009, p. 06).

Essas mulheres tornaram-se guardiãs de um conhecimento milenar, com ele vem a história carregada de mistério e de contos de mulheres feiticeiras, as bruxas dos contos de fadas, as mulheres que detinham o dom do conhecimento das ervas e benções, que ajudam as pessoas desde nossos antepassados. As mulheres, em várias tradições, detém o dom do conhecimento, principalmente nas civilizações tradicionais, e assim seguem passando seus conhecimentos para as gerações futuras, como o domínio e saber sobre as ervas e encantamentos adquiridos com as

⁴ Versão modificada do poema “Catar” do livro *Orar com o corpo*, de Carlos Rodrigues Brandão. Na versão original, o autor escreveu: “Como as mãos de um rei criam a ordem”.

⁵ O que não significa que não existam homens ou pessoas jovens que sabem benzer. Na pesquisa de campo, encontrei homens apontados como benzedores.

tradições do seu povo. No livro “O Martelo da Feiticeira”, o autor mostra como o esta prática da benzeção e as curas se iniciam e quem eram as principais detentoras desses saberes e o porquê de acontecerem, destacando que:

Desde a mais remota antiguidade, as mulheres eram as curadoras populares, as parteiras, enfim, detinham saber próprio, que lhe era transmitido de geração em geração. Em muitas tribos primitivas eram elas os xamãs. Na idade média, seu saber se intensifica e se aprofunda. As mulheres camponesas pobres não tinham como cuidar da saúde, a não ser com outras mulheres, tão camponesas e tão pobres quanto elas. Elas (as curadoras) eram as cultivadoras ancestrais das ervas que devolviam a saúde, e eram também as melhores anatomistas do seu tempo. Eram as parteiras que viajavam de casa em casa, de aldeia em aldeia, e as médicas populares para todas as doenças. (KRAEMER; SPRENGER, 2017, p. 17).

É importante notar que as bruxas eram as parteiras, as curandeiras, as camponeses pobres, as mulheres que ajudavam as outras mulheres, as enfermeiras e as suas assistentes. Conheciam e entendiam sobre o emprego de plantas medicinais, por causa da sua curiosidade e do desejo de ajudar a sua comunidade para curar enfermidades e epidemias, conseqüentemente, eram portadoras de um elevado conhecimento medicinal e com isso elas detinham um poder social de grande destaque, as únicas que poderiam socorrer as pessoas carentes da comunidade. Elas foram por um longo período médicas sem diploma. As bruxas, além de mulheres e líderes de suas aldeias, eram as que queriam o bem-estar para todos, que pudessem ter o direito à saúde e à sobrevivência. Infelizmente, o preconceito e o medo daquilo que não estava em seu poder, do conhecimento adquirido a duras penas por vários anos e muito estudo, assustavam muitas pessoas que as queimaram em fogueiras e as destruíram como se fossem monstros horrendos, que deveriam ser exterminados da face da terra como seres impuros e indignos de vida. Assim, perdemos anos de conhecimentos científicos e sabedorias tradicionais de ervas e plantas que foram guardadas e repassadas por gerações.

Pede-se, dessa formar, parte importante da história e desvaloriza-se o protagonismo da mulher camponesa, acentuado pelo avanço da tecnologia no meio rural. Nesses tempos de informação virtual, mais do que nunca é importante proteger e garantir o poder da palavra que é saber, é dom e é memória a partir do ofício das quais as benzedeadas são guardiãs (CUNHA; ASSUNÇÃO, 2017).

As benzedeadas de Estrela de Rondônia são adeptas do catolicismo, embora haja uma diversidade religiosa na benzeção, incluindo as matrizes afro-brasileiras, indígenas, kardecistas, entre outras. Além das orações, há uma série de outras práticas ligadas à benzeção, como o uso de chás, banhos, remédios caseiros, compressas e as “simpatias”. Não é raro que mulheres

benzedeadas sejam também parteiras. No campo, é comum que animais, roças e pastos sejam benzidos também.

Este universo me acompanha desde as primeiras memórias da infância, com minha avó paterna e seu raminho na mão, fazendo o sinal da cruz, naqueles murmúrios em que só se ouvia os assobios de seus lábios. Na adolescência, a convivência mais próxima com minha madrinha, Vanda, uma tia paterna que aprendeu a benzer com sua mãe, aumentou ainda mais este contato, despertando meu interesse por estas práticas. Na universidade, a benzeção acabou se tornando o meu tema de pesquisa. Desde que comecei a definir meu interesse pelas benzedeadas, recebi muitos questionamentos sobre qual seria a relação entre as vidas dessas mulheres e a Educação do Campo, já que precisava realizar um trabalho de conclusão de curso na Licenciatura em Educação do Campo. A sensação era de que o universo sagrado pelo qual me encantei não combinava com a racionalidade científica exigida pela universidade. Nesta introdução, quero destacar dois pontos de partida que orientaram meu olhar durante a pesquisa. O primeiro deles é a ideia de Educação, baseada nas reflexões de Carlos Rodrigues Brandão, que ultrapassa a noção de que a escola é o lugar privilegiado para educar. Para o autor, “Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante” (BRANDÃO, 1989, p. 9). A educação não é somente o que está nos livros e dentro do universo fechado das quatro paredes da escola e, sim, ocorre em todo o lugar em que podemos nos expressar e nos comunicar com a nossa realidade. Considero as práticas de benzeção também como um processo pedagógico orientado pelos conhecimentos populares.

O outro ponto de partida é a concepção da Educação do Campo presente na relação entre *do* e *no* campo: “No: o povo tem direito a ser educado no lugar onde vive; Do: o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais” (ARROYO *et al.*, 2011). A Educação do Campo é vinculada ao cotidiano dos povos do campo e às suas vivências, culturas e tradições. Tem suas raízes no território dos saberes e se propõe a trazer o campo para dentro da escola onde o educando vive. Diante da desvalorização e da negação dos saberes das benzedeadas, é importante que se reconheça o valor das mulheres camponesas na produção de conhecimento. É aí que a Educação do Campo encontra o debate sobre os “saberes desaparecidos” e os “saberes insurgentes” discutido por Boaventura de Souza Santos (SANTOS; MENESES, 2010). Através desse debate, mostra-se a morte dos saberes dos povos do campo, a desvalorização dos saberes das mulheres camponesas e a resistência que elas possuem para que o seu conhecimento continue sendo valorizado. Como a desvalorização do povo camponês e seus saberes, que vem

travando uma grande luta para manter viva a sua memória, que dentro do curso de Educação do Campo destaca do protagonismo do camponês mostrando a força do campesinato e sua importância dentro da sociedade.

A partir destes dois pontos, considero mais que justificada a escolha por trazer as histórias das benzedeadas de Estrela de Rondônia como tema do meu TCC. Trata-se de valorizar as práticas populares de saúde do lugar onde vivo, cruzando saber científico e conhecimentos populares. A pesquisa teve por objetivo conhecer essas mulheres, seus saberes e suas práticas, a partir de suas histórias de vida e de como se tornaram reconhecidas benzedeadas na região. Desse ponto de vista, o artigo realiza uma aproximação entre as benzedeadas e a Educação do Campo.

1 AFETOS DA PESQUISA

Na jornada em que mergulhei quando iniciei esta pesquisa, posso afirmar que venho tomando consciência do meu inacabamento, tal como ensinou Paulo Freire (1996)⁶. Tenho aprendido que não importa o lugar e nem a idade, nós sempre estamos aprendendo e nos reinventando a cada dia. No começo, eu estava interessada em conhecer como se dava a transmissão de saberes ligados às práticas de benzeção em Estrela de Rondônia. Como moradora deste lugar, antes de iniciar a pesquisa eu já conhecia Madrinha Vanda, Dona do Carmo e Dona Jandira, reconhecidas benzedeadas em nossa comunidade, atuando nas linhas 132 e 136 do Distrito de Estrela de Rondônia. Essas três mulheres se tornaram as protagonistas da minha pesquisa. São mulheres camponesas praticantes do Catolicismo, que usam a sua fé e a sua experiência para curar os males de quem as procura. Para facilitar, vou utilizar aqui a definição de Santos, para quem:

As rezadeiras ou benzedeadas são mulheres que realizam as benzeduras, termo que abrange um repertório material e simbólico que pode ser bastante abrangente. Para executar a prática, elas acionam conhecimentos do catolicismo popular, como “súplicas” e “rezas”, com o objetivo de restabelecer o equilíbrio material ou físico e espiritual das pessoas que buscam a sua ajuda (SANTOS, 2009, p. 6).

⁶ Em sua obra “Pedagogia da Autonomia”, Paulo Freire destaca como ensinar exige consciência do inacabamento: “Aqui chegamos ao ponto de que talvez devêssemos ter partido. O do inacabamento do ser humano. Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento.” (FREIRE, 1996, p.21).

Ao longo da pesquisa, recebi a indicação de outras pessoas que benziam e poderiam contribuir com meu trabalho. Um homem se recusou a falar sobre o assunto. Outro disse que “não sabia falar”, parecendo intimidado com minha abordagem. Uma senhora apontada como alguém que sabia benzer, disse que a informação não era correta e ela não benzia. Entendi que estava tratando de um assunto delicado e que as pessoas, por diferentes motivos, muitas vezes não se sentiam à vontade para falar. Frustrada, respeitei a decisão e não insisto em estabelecer outras conversas sobre o tema com elas.

Com Madrinha Vanda, Dona do Carmo e Dona Jandira, além das entrevistas, em que pedia que me contassem suas histórias de vida e aspectos relacionados à benzeção, ocorreram também conversas informais, encontros na igreja e na praça, reuniões familiares e visitas para receber benzimento, que se tornaram importantes momentos da pesquisa, que se caracterizou como uma pesquisa participante (BRANDÃO, 2007), de caráter etnográfico, partindo da observação e do compartilhamento do cotidiano dessas mulheres. A participação de minha família em algumas ocasiões foi fundamental para estabelecer a relação de pesquisa com Dona Jandira e Dona do Carmo. A companhia de Madrinha Vanda em algumas visitas ajudou a criar um clima mais confortável para nossas conversas, que se tornaram verdadeiras trocas de benzedeira para benzedeira. Com a autorização delas, alguns desses momentos foram registrados por meio de áudios, fotografia e vídeos. Minhas impressões sobre estes encontros foram registradas em diário de campo, no qual relatei o que tinha vivenciado. Depois dos contatos iniciais, apresentei a elas o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com informações sobre a pesquisa e as três fizeram questão de serem identificadas pelos próprios nomes, autorizando o uso de suas imagens para os fins da pesquisa.

Como falei anteriormente, o objetivo original desta pesquisa voltava-se para os processos de transmissão dos saberes da benzeção. Com o decorrer das entrevistas e da convivência com Dona do Carmo, Dona Jandira e Madrinha Vanda, percebi que precisava ampliar meu olhar para o que elas estavam contando e que nem sempre girava em torno do tema que eu havia pré-estabelecido. Aliás, as histórias de como aprenderam a benzer, em geral, eram bem resumidas e permeadas de segredos que eu não poderia acessar, o que frustrou minha expectativa inicial. A pesquisa de campo foi me mostrando que valia a pena exercitar a escuta e dialogar com o que as benzedeadas se sentiam à vontade para falar, o que me levou ao recorte atual sobre as histórias das benzedeadas, seus saberes e suas práticas.

Ao longo da pesquisa, algumas conversas com Madrinha Vanda, Dona do Carmo e Dona Jandira se transformaram em oportunidade para receber seus benzimentos. Foram momentos em que me senti profundamente **afetada** pelo trabalho de campo, no sentido

discutido por Jeanne Favret-Saada (2005), que toma o afeto como dimensão pouco valorizada da experiência humana. Assim como a autora refletiu em seu trabalho sobre feitiçaria com os camponeses franceses, eu também “não pude fazer outra coisa a não ser aceitar deixar-me afetar” pela benzeção (FAVRET-SAADA, 2005, p. 155). Sempre tive o hábito de me benzer, mas já havia muito tempo que não fazia. Com a pesquisa, voltei a me benzer novamente. Em uma das conversas com Madrinha, depois que terminamos, pedi que me benzesse. Sentia um mal-estar rotineiro. Quando ela terminou, o raminho de vassourinha que ela carregava na mão tinha ficado muito murcho e ela sentiu uma leve zonzeira e me disse que eu estava muito carregada, muita inveja e mal olhado e que eu deveria tomar cuidado. O alívio que eu senti logo depois foi instantâneo e o mal-estar foi diminuindo com o passar dos dias.

A pesquisa não me reaproximou apenas da benzeção como uma prática que me faz sentir melhor. Mergulhar neste universo me levou a uma reconexão com uma figura central em minha vida. Ascensão Garcia Frederico, minha avó paterna, é a razão do meu interesse por esta prática e por querer me aprofundar cada vez mais neste mistério das benzedeadas, em suas rezas e rituais. Ela faleceu quando eu tinha quinze anos e guardo viva sua imagem em minha memória até hoje, com a simplicidade e serenidade no seu olhar. Quando eu tinha sete anos, ela sofreu um derrame e nunca mais voltou a andar. Ela ficava na cadeira de rodas e todos os dias tinha um longo ritual matutino, logo após do café da manhã, com suas orações e a reza do terço. Sempre que podia rezava para alguém da sua cadeira mesmo. Lembro do seu olhar distante, quando ouvia apenas os seus assobios.

Nascida em São Paulo, em uma família espanhola, minha avó se casou, com dezenove para vinte anos, com um homem italiano. Na tradição, a mulher deveria deixar a sua casa e seguir o marido, morando com a família dele para aprender seus costumes, o que não é tão diferente de hoje, quando uma mulher sai da casa dos pais para viver com o seu marido. Assim, ela foi se afastando do convívio de sua família, passando a viver no meio de pessoas que não conhecia, de uma língua também desconhecida. Com o tempo, ela foi se acostumando e se adaptando, aprendendo a falar em italiano e seus costumes. Madrinha Vanda me contou como ela aprendeu a benzer:

A minha bisavó, a mãe da minha bisavó, veio da Itália. Eles lá já benziavam. Quando eles vieram para o Brasil, eles já benziavam. Quando a pessoa chegava a uma certa idade, eles passavam sempre para alguém e a minha avó passou para os meus tios, que são cunhados da minha mãe, irmãos do meu pai. Eles queriam ensinar as esposas deles a benzer também, porque se uma hora precisasse as esposas deles saberia benzer. Mas elas não sabiam ler e têm orações que só pode ser ensinada à meia noite do Natal. Outras é para ser ensinado na Sexta-feira Santa, à meia noite. Como eles rezava muito nas casas que eles iam, eles não poderiam estar em casa para ensinar elas. Eles

escreveram todas as orações em um papel e autorizou a minha mãe que sabia ler, à meia noite para ela rezar com elas aquelas orações para elas aprender. Aí a minha mãe ensinando-as, ela aprendeu. A minha mãe ficou quietinha. Quando foi um dia, tinha uma menina que tinha um problema muito sério. De vez em quando ela ficava louca. Minha mãe falou que ela saía correndo... se ela estivesse em casa, ela pegava faca, facão, o que ela conseguisse achar ela pegava e ela enfrentava as pessoas. As pessoas tinham que ir com jeito, pegava ela, amarrava ela e até judiava muito dela para poder... até que passava uma hora, ela voltava a si. Naquela época, levava ela no médico, em muitos médicos. Eles davam remédio, internava ela, mas de vez em quando atacava, e eles sempre falava para a minha mãe, que eles moravam meio perto: “A senhora toma cuidado que na hora que ela aparecer, a senhora amoita tudo as coisas que que você tem. Não deixa faca, não deixa nada.” Quando foi um dia, a menina vinha correndo de lá pra cá, essa moça. Minha mãe já procurou de amoitar faca, amoitar tudo e minha mãe ficou na porta. Aí ela chegou. Diz que ela ficava com os Zoião bem vidrado. Ela chegou, a minha mãe deu boa tarde para ela. Então ela deu boa tarde e minha mãe, com educação, chamou ela para entrar para dentro de casa: “Entra pra dentro de casa”. Assim ela disse: “Na casa da senhora eu não posso entrar. Eu não sou bem-vinda. Eu quero que a senhora me benze.” Minha mãe diz: “Eu vou benzer”. Ela pegou a cadeira, colocou lá no meio do terreiro e disse: “Senta aqui”. Aí minha mãe benzeu ela. Enquanto a minha mãe foi benzendo, a minha mãe foi ficando arrepiada, foi ficando ruim... Ela foi dando umas coisas e foi indo, foi indo... Quando minha mãe acabou de benzer, ela estava boa boazinha ela agradeceu minha mãe e foi embora para a casa dela, normal. E depois disso quando dava esse coisa ruim nela, ela corria pra casa da minha mãe. Minha mãe já sabia que ela não entrava dentro de casa, que a casa da minha mãe era santa, que minha mãe tinha um Deus que ela não poderia... A mãe colocava a cadeira lá, os tios começaram a ver... perguntaram a ela: “Aquela menina vem lá e você benze? Como que você sabe benzer?” Aí minha mãe falou: “Eu benzo.” E eles perguntaram como ela aprendeu. Ela foi contar como aprendeu. A sogra dela fez questão de ensinar mais orações para ela, o que determinou mesmo a benzeção dela, começou a benzer criança e tudo. (ENTREVISTA COM MADRINHA VANDA, 2019)

Figura 1: Minha avó Ascensão



Fonte: Acervo familiar

Para se tornar uma benzedeira, minha avó driblou regras que a proibiam de aprender a benzer. Isolada de sua família original, vivendo como “estrangeira” em sua nova família, foi

justamente o fato de saber ler em italiano, língua em que estavam registradas as orações dos benzedores da família do marido, que permitiu que ela tivesse acesso ao conhecimento proibido. O fato de conseguir acalmar os males da vizinha mudou seu *status* na própria família, tornando-se aprendiz da sogra, a matriarca detentora dos saberes da benzeção. Posso dizer, a partir da experiência de vida de minha avó, percebo que as benzedoras são mulheres fortes e dedicadas que resistem às barreiras e as regras impostas a elas dentro da vida e seguem sempre em frente, apesar das dificuldades e dos obstáculos que surgem em seus caminhos, levando a força da mulher camponesa sempre nas lutas do campesinato.

Sendo sobrinha, neta e bisneta de pessoas que benzem, há uma certa expectativa de que meu interesse no tema seja sinal do “dom”⁷ familiar. O fato de estar buscando informações e manifestar curiosidade em torno dos chás, das rezas e dos rituais poderia ser uma pista de que há chance de a tradição continuar. No limite, escrever este trabalho foi uma reação à possibilidade de que eu mesma pudesse suceder minha madrinha na longa linhagem de benzedoras e benzedores em nossa família:

Eu estou pensando seriamente. Esses dias mesmo... Eu tenho que passar para alguém, porque a gente não é eterno. Vai que um dia a gente vai! Essa oração não pode morrer com a gente porque, eu acho até uma dó, porque elas fazem tanto bem para as pessoas. [...] A gente não pode... Se eu não ensinar outra pessoa, por exemplo, se eu não ensinar tipo você, aí eu vou morrer e você não vai saber (VANDA, 2019).

Eu ainda não sei o que fazer a respeito disso, mas quis registrar como fazer este trabalho me afetou, em diferentes sentidos.

2 AS BENZEDEIRAS DE ESTRELA DE RONDÔNIA

O distrito de Estrela de Rondônia é um lugar pequeno e aconchegante com cerca de seiscentos habitantes. O distrito foi institucionalmente criado na década de 1980 como um dos Núcleos Urbanos de Apoio Rural (NUAR) do recém emancipado município de Presidente Médici.⁸ Tem perfil rural, com forte influência da produção de café, que era o forte na década

⁷ O dom é um elemento importante entre as benzedoras, que vou discutir mais à frente.

⁸ Na década de 1980, diversos NUARs foram implantados a fim de prover assistência aos camponeses, muitos deles recém chegados à Rondônia. Segundo Dalva Felipe de Oliveira, a “implantação dos NUARs foi uma tentativa do Estado em promover uma transição das Áreas Administrativas do INCRA para municípios autônomos. Foram inseridos no momento em que a demanda migratória se tornou maior do que previam os projetos de colonização.” (OLIVEIRA *et al*, 2005). O NUAR Estrela de Rondônia se situava em um ponto estratégico, um pouco afastado do eixo da BR 364, para que os produtores pudessem ter um apoio melhor, e levando o nome de Estrela de Rondônia por conta de estar no centro do estado (segundo a pessoa que escolheu o nome). Continha a escola que era no campo, vindo para um lugar mais central do local; uma república para que os professores e funcionários

de 80 e 90, dando lugar a outros tipos de cultura e de plantios, como a fruticultura e cultivo de hortaliças, e criação de gado de corte e leiteiro, mudando assim a economia do lugar e a forma como as pessoas vivem. O cristianismo é predominante no distrito, com a presença de denominações diferenciadas, entre igrejas católicas e evangélicas.

A ausência do Estado e o atendimento precário de saúde é algo que acompanha a trajetória das benzedeadas de Estrela desde a sua juventude, não apenas em Rondônia, sinalizando o lugar subalterno dos grupos populares no acesso à saúde. Todas relataram que a falta de médicos era muito grande e com isso as pessoas procuravam as benzedeadas para que pudessem curar seus males. Neste contexto, o lugar das benzedeadas é bastante parecido com a caracterização que a historiadora Mary Del Priore fez das práticas de saúde no Brasil colonial: “curandeiras e benzedeadas, com suas palavras e ervas mágicas, suas orações e adivinhações para afastar entidades malévolas, substituíram a falta de médicos e cirurgiões.” (DEL PRIORE, 2001, p. 81).

Em Rondônia, a rápida transformação social durante o período da colonização recente, marcado por intensos fluxos migratórios, gerou muita dificuldade de acesso a serviços básicos de saúde, exigindo que a população encontrasse soluções por si mesma. Em um artigo sobre o surgimento da Pastoral da Saúde na Diocese de Ji-Paraná, a qual está ligada Presidente Médici, Marialva Costa relata a situação da época:

Como consequência da situação vivida pela população, surgiu diversas doenças endêmicas e epidêmicas, como: hanseníase, sarampo, meningite, febre amarela, cólera, malária, tuberculose. Vivenciou-se ainda, o sucateamento da saúde pública, com ausência e carência de médicos e outros profissionais de saúde, falta de medicamentos básicos nos postos e centros de saúde, a falta de profissionalismo dos médicos e outros profissionais da área e o completo descaso dos órgãos governamentais. Este caos provoca a paralisação e até fechamento de hospitais, postos e centros de saúde. (COSTA, 2010, p. 17).

Em uma das minhas entrevistas, Dona Jandira me contou que, quando alguém ficava doente, ela era chamada e sempre que podia ia nas casas visitar, apesar de não ter estradas e nem carros para levar, ela ia mesmo assim, em meio a picadas no meio da mata. Para muitas comunidades rurais, compostas por migrantes de diferentes lugares do país e que não

públicos que vinham de outros municípios pudesse ter um local para se alojar; a EMATER, (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural), para dar a assistência aos produtores; e o CTA (Centro de Trabalho Administrativo), que, no início dos anos 80, servia como um lugar para gerenciar o local. Poucos anos depois, foi se construindo um campo de futebol e um posto de saúde para atender toda a redondeza e foi doado boa parte das terras destes prédios para a prefeitura. Com isso, muitas das pessoas que tinham o seu sítio ou estavam trabalhando por perto ou pretendiam ter sua terra na redondeza conseguiram uma data para construir sua casa neste local e assim se estabeleceram.

encontraram por aqui o propagandeado apoio do Estado, sem recurso e apoio para os princípios básicos de sobrevivência, a benzeção foi um importante instrumento de promoção de saúde.

Além das orações, elas conhecem plantas e raízes para fazer chás e banhos que podem ajudar na cura de algumas doenças tanto físicas e como da alma, algo que não pode ser explicado pela medicina. É uma forma alternativa de produzir saúde e buscar uma solução s aflições, abarcando um conjunto de técnicas, trabalhos e ferramentas de cura através de chás e compressas, partindo da cultura e saberes populares vinculados às práticas de benzeção (OLIVEIRA, 1983, p. 26). Muitas vezes, a pessoa que procura uma benzedeira procura não somente a benzeção, mas um chá de ervas ou um banho que possa ajudar no seu bem-estar.

2.1 Dona Jandira

Entrevistar Dona Jandira foi um verdadeiro desafio. Eu já a conhecia antes de iniciar a pesquisa, pois ela é avó de uma amiga de escola e é reconhecida na comunidade como alguém que benze. Há uns cinco anos, meu pai pediu para ela benzer nosso pasto contra um ataque de cigarrinha. Quando comecei a conversar com as pessoas sobre o tema de meu TCC, muitas pessoas a apontaram como alguém que não poderia ficar fora da pesquisa. Minha primeira tentativa não teve sucesso: fui até a casa dela por conta própria, sem avisar ninguém. Sua filha me atendeu e disse que ela estava doente e não poderia me receber. Depois disso, Dona Jandira fez uma viagem e demorou para voltar. Nas ocasiões em que encontrava sua filha no Distrito, era desencorajada a falar com sua mãe, pois ela estaria muito doente, já estava muito velha e era melhor poupá-la. Como última tentativa, acionei uma das suas netas, amiga de meu irmão e minha cunhada. Foi por meio da neta que consegui, finalmente, me encontrar com Dona Jandira.

Ela é uma senhora de oitenta anos, nascida no Paraná. Mãe de seis filhos, casou aos vinte anos e, até hoje, mora com seu “velho”. Sem estudo, sabe escrever seu nome. Não se recorda quando chegou em Rondônia, acompanhada de outros familiares, mas garante que faz mais de trinta anos: “Já faz muito tempo. Aqui era só mato. Tinha bastante gente, mas era só mato. Uns plantava café, tinha criação... Agora que não tem mais cacho de café. É tudo pasto agora.”⁹ Ao tentar me explicar sua trajetória de migração, Dona Jandira apontou mudanças na paisagem e na economia rondoniense, nestas últimas décadas, frutos da rápida transformação do campo, com a ocupação das áreas de agricultura camponesa pela pecuária bovina.

⁹ Entrevista com Dona Jandira realizada em sua casa em 11 de maio de 2019.

Dona Jandira aprendeu a fazer partos e a benzer observando a sogra;

Quando minha sogra fazia parto, eu a ajudava fazer parto. Uma vez o neném estava torto. Aí ela pegou e viraram a mulher de ponta cabeça. Quando desvirou ela, o neném desvirou também e já nasceu. Ela era sabida, minha sogra. Benzer, eu aprendi com ela (JANDIRA, 2019).

Sabida como a sogra, logo virou uma parteira reconhecida, que sabia resolver casos difíceis:

A mulher estava ruim para ganhar neném, aí chamaram eu para ver ela. Eu fiz o exame nela e falei que ia ganhar só amanhã, meio dia. Daí levaram ela pro hospital e ela ganhou neném meio dia, mesmo. Eu endireitava o neném que estava torto. Eu pegava a barriga da mulher e endireitava o neném (ENTREVISTA COM DONA JANDIRA, realizada em sua casa, em 11 de maio de 2019).

Ainda no Paraná, trabalhou como zeladora em um hospital. Seus conhecimentos como parteira e benzedeira ampliaram seu leque de atuação no trabalho. Mesmo sem estudar, tinha o reconhecimento do médico com quem trabalhava:

Eu trabalhava de zeladora, só que ajudava o doutor, ajudava as enfermeiras... Já estava muito sabida... Quando eu pedi as contas, o doutor falou que se eu tivesse estudo eu ia trabalhar de chefe. [...] Quando eu trabalhava no hospital, vinha os doentes, o tempo todo, pedindo oração pra eles (JANDIRA, 2019).

Figura 2: Dona Jandira, em seu jardim



Fonte: Tatiane Federichi, 2019

2.2 Dona do Carmo

Eu conheço Dona do Carmo há vários anos, pois frequentamos a mesma igreja e eu dava catequese para os netos que moravam com ela. Minha primeira abordagem sobre o tema das benzeções foi para um trabalho da UNIR, em 2017, na disciplina de Etnociência e Saberes da Terra, no qual eu tinha que pesquisar as tradições camponesas. Com essa tarefa, eu fui conversar com ela. A princípio, pareceu muito intimidada e quase não consegui nenhuma informação. As respostas eram curtas e diretas. Só falava o necessário.

Quando decidi o tema da pesquisa do TCC, sabia que teria que voltar a conversar com ela em busca de mais informações e de sua história. Eu havia perdido boa parte das gravações das conversas anteriores, mas ainda tinha meus registros no diário de campo. Na segunda aproximação, levei algumas pessoas comigo pra que ela ficasse mais à vontade para conversar. Não mudou muito, mas consegui com que ela falasse mais. Em nosso terceiro encontro, convidei Madrinha Vanda, para ver se sua presença ajudava a quebrar o gelo e, de repente, me vi diante de um verdadeiro encontro de benzedoras, que passaram a contar como cada uma começou a benzer, Dona do Carmo conta que era muito nova quando a mãe dela começou a ensinar elas e os irmãos dela a benzer, e fala de seu avô que era um homem negro muito grande e que era um “benzedor de verdade”. Presenciei duas técnicas de benzeção com objetos diferente como a casca da bananeira e a fita de pano, que detalharei mais adiante. Neste dia, com as conversas e rituais, conseguir saber mais sobre a prática da benzeção e o segredo que tece essa prática.

Dona do Carmo é uma senhora negra, de sessenta e sete anos, nascida em Tabuquiri, em Minas Gerais. Em uma das conversas, ela contou sobre seus antepassados, mencionando um avô negro, que “era bem mais escuro” que ela e um outro lado da família que era indígena, de cabelo liso. É casada, mãe de onze filhos, sendo cinco já falecidos. Não teve oportunidade de estudar e não sabe ler. Tem mais ou menos uns trinta e cinco anos de Rondônia: “Quem lembra, meu pai do céu?! Tem mais de trinta anos porque quando a gente veio para cá Cida tinha oito anos e hoje ela tem quarenta e seis anos.”¹⁰ A idade da filha é a referência do cálculo de Dona do Carmo. Ela me conta que aprendeu a benzer com a sua mãe, quando ainda morava no estado de Minas Gerais:

Mãe que me ensinou a benzer. Vovô benzia, depois mãe, avó, e vem de lá... Eu já tinha dezesseis anos, mas eu não benzia porque eu ficava com vergonha, que mãe era

¹⁰ Entrevista com Dona do Carmo realizada em sua casa em 11 de maio de 2019.

benzedeira, então a gente ficava com vergonha de benzer porque aquele tempo a gente era mais nova. Por a gente ser muito nova a gente acha era graça do que mãe falava e muitas das orações a gente não aprendeu por que nós achávamos muita graça daquilo. Então eu aprendi poucas rezas, mais depois que casei comecei a benzer [...] Desde Minas que eu já benzia. Tinha aquelas mulheres que tinha aquelas crianças. As crianças pegavam quebranto, então a gente benzia. (DO CARMO, 2019.)

Figura 3: Dona do Carmo



Fonte: Edilaine Barros, 2019

Dos onze filhos de Dona do Carmo, nove ela teve sozinha:

Eu sou mãe de onze, só tenho seis vivos. Um que nasceu de oito meses, com isso nasceu morto. Eu sofri! Naquele tempo, não tinha hospital. Aí eu ganhei ele com oito meses, nasceu morto. Tive todos eles em casa. Quer dizer, não, teve dois que foi no hospital porque eu queria operar. Parteira o que eu tive, todos foi eu mesma. Eu tenho medo de parteira! Eu tenho medo de parteira! Você tá é louca! Deus que me defenda! Só o primeiro que a parteira cortou umbigo, dos outros eu mesmo, e os outros... Eles, eu nasci sozinho. Aí chegava, eles davam banho. De Tica [uma das filhas] mesmo, Sebastião estava no curral. Quando ele chegou, já tinha cortado o umbigo e já tinha dado banho. Eu tenho medo de parteira, menina! Parteira judiava das mulheres. Os meus partos foram tudo normal. Tipo assim, se era pra eu chegar no hospital, como daqui em Médici, eu ganhava no meio da estrada, que não dava tempo. É que a gente movimenta demais. Mulher quando fica grávida e se movimenta muito, ela não demora para ganhar neném. Essas mulheres que fica dormindo de dia, aí custa. Eu não dormia de dia. Dava sono, mas eu tinha medo. Quando eu ganhei o finado Luciano, nós tínhamos pegado uma empreita de cinco alqueires de pasto. Até no dia de ganhar eu rocei pasto. Cheguei em casa, tomei banho... tinha uma água que a gente puxava assim com a mão. Terminei de puxar aquela água, enchi a caixa, aí eu senti. Fui no hospital. Se a enfermeira não tivesse chegado logo eu tinha ganhado do lado de fora. (DO CARMO, 2019)

Neta de parteira, uma mulher que ajudou sete crianças a vir ao mundo, Dona do Carmo não confiou em parteiras para o nascimento de seus filhos. As lembranças das cenas fortes que testemunhou vendo os partos de sua avó se misturam ao discurso médico de que o parto normal é perigoso, sinalizando as mudanças que provocaram a perda do prestígio das parteiras nos últimos tempos:

Nossa! Eu tinha um medo de parteira. Eu a vi cortando as mulheres com pedra de sal. Eu vi! A minha vó, nós a chamávamos de dindinha. Dindinha era parteira. O povo chegava de noite em casa, de madrugada e ela ia. Antigamente médico era difícil. A gente morava longe e também não tinha estrada, então ela ia. [...] Eu já fiz sete partos. Às vezes as mulheres ganham longe de médico, aí você vai deixar o nenenzinho chorando até o médico chegar? Então eu ia e cortava o umbigo. Deus abençoe que nem um teve nada! Agora não! É até perigoso! Os médicos não gostam mais e se nascer, o que você vai fazer? Vai deixar morrer lá, porque passa da hora. (DO CARMO, 2019)

2.3 Madrinha Vanda

Madrinha é uma figura que me acompanha a vida toda e, quando comecei a definir o meu recorte do TCC, a primeira figura que me veio à mente foi a de minha falecida avó, Ascensão, eu sempre a via benzendo as pessoas, principalmente as crianças, com a delicadeza das suas mãos com seu raminho. Madrinha Vanda herdou seu dom e eu precisaria conversar com ela sobre o assunto. Nosso primeiro encontro com o objetivo de conhecer sobre as práticas de benzeção também foi para o trabalho de Etnociência, em 2017. O relacionamento familiar facilitou a abertura para a conversa e ela sempre esteve disposta a falar e responder a todas as minhas perguntas.

Madrinha Vanda é uma mulher branca de sessenta e dois anos. Ela nasceu em Nova Esperança, no estado do Paraná. Casada, mãe de cinco filhos, veio para Rondônia em 1985, aos vinte e oito anos, com os dois filhos mais velhos, acompanhando familiares que migraram em busca de terra e de melhoria de vida. Estudou até a sexta série e é uma excelente costureira.

Madrinha aprendeu a benzer com sua mãe, minha avó Ascensão, quando tinha trinta e cinco anos, para substituí-la caso fosse necessário durante sua ausência em uma viagem prolongada:

Foi uma época que minha mãe foi para São Paulo levar meu pai pra se tratar. Eles moravam em Cacoal. Era ela que benzia minhas crianças e as crianças dos nossos parentes e ela ficou muito preocupada que ela iria demorar uns pares de meses, não sabia quando ia voltar... Assim ela tomou a decisão de que ia me ensinar, para benzer e dar minha continuidade: “Pra você também benzer tuas crianças e as crianças dos outros parentes”. Então assim que ela tomou a decisão de me ensinar, que sempre ela

falava que ia me ensinar a benzer e este dia ela tomou a decisão que ia me ensinar e ela me ensinou (VANDA, 2017).

Figura 8: Madrinha Vanda



Fonte: Dheilon Toledo, 2019

Aprendiz tardia, Madrinha sentia vergonha e insegurança em relação ao seu dom. Assim, ela não benzia para fora, apenas os seus filhos. Certo dia, sua vizinha apareceu com o filho muito doente e já não sabia o que fazer. Madrinha perguntou se ela acreditava em benzeção, e, com a afirmativa, minha tia benzeu a criança, que ficou boa. A notícia se espalhou na vizinhança e logo as pessoas passaram a procurá-la.

3 “UM MOTIVO DE FÉ”

Durante a pesquisa, no processo de descobrir o que é a benzeção, uma das benzedeiros definiu que benzer é rezar por alguém, invocando algum santo para interceder junto a Deus, por meio de uma pessoa que tenha muita fé. Tanto quem pede a benção como quem dá a benção têm que ter a fé no seu Deus:

Pra mim e para quem benze, é um motivo de fé, muita fé. A pessoa que está benzendo, ela tem fé, ela invoca sempre Deus, Nossa Senhora... No meu caso, Santa Polônia que é protetora das criancinhas. E a mãe que traz a criança também tem que ter fé. E a pessoa adulta que vai ser benzida também tem que ter, se não, não funciona! Então a benzeção é ter fé. É onde a medicina não alcança. É quando Deus, na sua infinita bondade e com a fé que a gente tem, a gente consegue desvendar aquele mal e curar a pessoa (VANDA, 2017).

As benzedeadas agem “onde a medicina não alcança”, num entendimento de saúde que foge à medicina convencional, como bem discutiu Silva, ao explicar a natureza das doenças:

[...] as doenças tem causas naturais e sobrenaturais, sendo que as primeiras os médicos podem resolver, contudo em relação às segundas não cabe ao médico restituir a ordem no corpo enfermo. É necessário que se proceda ao ritual do benzimento para que a saúde do cliente seja restabelecida. Entrelaçam assim no cotidiano os fios da crença neste conhecimento ligado ao divino e sobrenatural à vida prática (SILVA, 2007, p. 147).

A fé é elemento central para compreender a benzeção. A benzeção só funciona se a benzedeadada acreditar no seu poder de cura (e de seus saberes), assim como a crença e a confiança de quem a procura pedindo ajuda, sinal do reconhecimento social mais amplo do poder da benzedeadada. Como diz Brandão (1983), “não é porque uma crença é verdadeira que uma comunidade acredita nela; é porque a comunidade acredita coletivamente nela é que ela é verdadeira.”

Não é qualquer pessoa que pode ser uma benzedeadada. Além da fé, para benzer é preciso ter “dom”. Minha tia Vanda sempre disse que este dom só é passado para quem se dedica e quem tem muita fé em Deus, pois a pessoa vai ter que falar em nome Dele. Se não acreditar que Ele é capaz de curar e transmitir o Seu poder através de você, a sua oração não funcionará, o seu dom não é despertado e a cura não se realiza:

Para se tornar uma benzedeadada, ter que ser uma pessoa muito dedicada, muito religiosa, ter muita fé em Deus, e acreditar que Deus através das pessoas, das orações, que Deus opera um milagre e opera as coisas boas, eu acho que esta pessoa que ela tem que ter fé e acredita, ela pode ser tornar uma boa benzedeadada, e fazer o bem para os outros. (VANDA, 2018).

A explicação coincide com o que Léo Carrer Nogueira, Suelen Malheiro Versonito e Bruno das Dores Tristão descrevem em seu artigo “O dom de benzer: a sobrevivência dos rituais de benzeção nas sociedades urbanas – o caso do Município de Mara Rosa, Goiás, Brasil”:

Segundo a crença, o dom da benzeção não surge da noite para o dia. Ele fica inerte no mais íntimo do ser, até que seja “revelado” ou “descoberto” pelo praticante. Isso ocorre quando o interesse pela prática vai além do mero conhecimento de sua existência, pelo desejo de realizá-lo, pela busca de algo que contribua para sua aproximação com uma razão superior. A descoberta do dom é vista como uma missão a ser cumprida, uma vez possuindo essa capacidade não se pode simplesmente ignorar sua existência. (NOGUEIRA *et al.*, 2012, p. 174).

Além de despertar para o dom, para se tornar uma benzedeira é preciso ser uma pessoa muito dedicada, muito religiosa, “ter muita e fazer o bem para os outros”.¹¹ Para quem tem o dom, o aprendizado das rezas e dos outros saberes que tornam uma pessoa benzedeira se dá por meio das pessoas mais velhas, em geral familiares, como me contou Dona do Carmo:

Eu aprendi a benzer porque vovô sabia benzer. Aí vovô ensinou a mãe, que aprendeu, aí mãe ensinava pra nós. Mas como nós era muito novo, a gente achava muita graça. Nós aprendemos algumas benzeção. Ela falava e ensinava pra nós, mas eu não sei ler, aí ficava na memória. É por isso que eu aprendi. Alguma benzeção eu sei, assim, de quebrante, mal olhado, espinhela caída, dor de cabeça, *izipela*¹². Eu benzo tanto criança quanto adulto, pois o benzimento que eu benzo é tudo igual, tanto para o bebezinho até gente grande. (DO CARMO, 2017).

As rezas e orações, chás, banhos e todos os saberes que envolvem a benzeção são transmitidos principalmente por meio da oralidade, de um jeito simples, mas de grande significado, tanto para quem recebe este saber e se torna um guardião dele, com uma grande responsabilidade, e também para quem vem buscar a cura dos seus males. Há também situações em que as orientações para a benzeção estão registradas por escrito. Foi assim que minha avó Ascención aprendeu a benzer. As receitas dos remédios caseiros, chás e banhos também podem estar escritas em algum caderno.

No trabalho de campo, a questão do dom apareceu diversas vezes. As benzedeadas de Estrela de Rondônia dizem que a benzeção é um dom que você já tem e que desperta com o tempo ou é transmitido para você através de alguém. Ao transmitir o dom, ele se divide. Minha avó, quando estava mais velha, quase não benzia mais. Ela sempre mandava para a minha madrinha benzer por dizer que o dom dela já tinha se dividido, e que a reza da minha madrinha tinha mais poder por ter sido ensinada por ela. Na formação de uma benzedeadas, são ensinadas as orações, mas o poder de cura está na fé que a benzedeadas transmite para a pessoa que recebe, e o inverso também:

As orações são fáceis. A gente tem que passar adiante, a gente só demora um pouco, que a gente vem de uma tradição. A partir do momento que a gente ensina, o dom da gente passa para aquela pessoa, que é um dom que Deus dá, minha mãe sempre falava, não é a gente que quer é Deus que dá para a gente, então eu acho muito importante ter alguém que eu vou passar, diz que a gente pode passar até para três pessoas. (VANDA, 2019).

¹¹ Entrevista realizada no dia 12 de novembro de 2018, em Presidente Médici, Rondônia.

¹² Segundo Dona do Carmo, *izipela* (erisipela) é ferida que não se cicatriza e nem fecha e que fica inchada e a pessoa sente muita dor.

Enquanto perguntava à Dona Jandira sobre alguns rituais de benzeção, perguntei se ela ensinava alguém para dar sequência ao seu trabalho. Ela já havia dito que nenhum filho havia se interessado. Ao me explicar como aprendeu, Dona Jandira revelou que existiam regras para a transmissão dos saberes da benzeção:

Eu posso ensinar para homens. Pra mulher eu tô falando porque você tá fazendo isso [a pesquisa], mas eu não posso. Eu só posso ensinar pra homem, pra mulher não, porque é do mesmo sexo. No meu caso é que minha sogra, ela benzia e falava alto... Minha tia também, daí eu aprendi. Quem pedir pra aprender, eu ensino, mas aí é um homem. Mulher, não. (JANDIRA, 2019).

O universo das benzedadeiras é marcado por regras de transmissão dos saberes e do dom, Ou seja, oscila entre algo que é inato (de nascença) e algo que é aprendido, transmitido através de alguém próximo, normalmente como uma herança de família, que se passa de geração em geração. Ao longo da pesquisa acabei tendo acesso a orações que eu não deveria saber porque eu não era uma benzedeira. O fato de talvez me verem como alguém que pode estar despertando para o dom de benzer pode ter ajudado a ter acesso a alguns dos segredos das benzedadeiras de Estrela de Rondônia. Por questões éticas, fiz a opção de não as apresentar no texto, para que as orações e rituais aconteçam dentro do mistério da fé de cada mulher. Pude observar que cada uma tem uma forma de receber, aprender e transmitir e que até algumas acabam burlando regras para que possa benzer, mesmo por vias que não seriam consideradas corretas. Isso só mostra a força de cada uma delas, a vontade e a curiosidade de continuar a praticar o bem às pessoas.

A filha de Dona Jandira, Rute, estava presente em algumas das visitas que fiz. Em uma delas, perguntei se ela não tinha interesse em aprender e dar continuidade ao que a mãe dela fazia. A resposta de Rute traz de volta a questão do dom:

Não, eu acho que eu não tenho o dom para isso não, acho que desde pequenino tem que ter o dom. A pessoa teria que gostar de fazer, tem que se interessar na doença dos outros e poder enxergar aquele problema, no que você possa ajudar naquilo. Eu não consigo. Eu aprendi alguns remédios. Às vezes a minha mãe não está aqui, aí o pessoal chega e fala qual é o problema. Eu sei qual é o remédio que a pessoa está precisando, de tanto escutar ela ensinando e dar os remédios eu aprendi né, mas a benzeção e oração eu não aprendi, nunca aprendi. (JANDIRA, 2019).

Além de Rute, conversei também com sua filha, neta de Dona Jandira, e perguntei o que ela acha sobre o que a sua avó faz, a benzeção e sua prática e se em algum momento ela cogitou a ideia de suceder sua avó em um futuro distante:

Isso é Dom, é eu acho que mais a fé da pessoa que ajuda. Mais também seja possível que isso exista. Mais é, tipo assim, a pessoa tem que ter a fé na outra pessoa que está jogando a fé, e que vai cura, vai ajudar muito, os dois lados tem que ter a fé, por que não adianta nada vir aqui e benzer por benzer, e não está acreditando naquilo, e benzer só pra dizer. A vó me benze de vez em quando, eu acredito sim. Mais não tenho o dom (JANDIRA, 2019).

Mesmo vendo o que a avó faz e sentindo o acreditar nessas práticas é muito difícil a dúvida se é verdade ou apenas credence visível na fala da neta. Mas o fato dela não descartar que seja um dom e que isso faz o bem, pode significar que em algum momento poderá mudar, como mudou para essas mulheres que dedicam a sua vida para fazer o bem. O não entender por que certas coisas acontecem faz com que elas achem que não podem se tornar uma benzedeira.

4 CHÁS, BANHOS E RITUAIS

Em meus encontros com minhas interlocutoras, observei alguns rituais, que eu mesma participei, para retirar o mal que está nas pessoas, buscando a cura, um exemplo é a espinhela caída, que Dona do Carmo me explica “que é um ossinho que temos no meio do peito, ele é bem molinho, quando se pega peso ou algo de mal jeito esse osso se move e sai do lugar, e você sente uma dor muito incomodante, que os médicos não sabe te explica, e benzendo sara”. (DIÁRIO DE CAMPO, 2019).

No encontro com Dona do Carmo, levo minha madrinha e, dentro das conversas, ela diz que achava que a espinhela dela estava caída por conta da dor que ela sentia e os médicos não sabem o que é, então Dona do Carmo faz uma medição da sua espinhela, com uma fita de pano ela mede os dois antebraços dela, para ver se tem diferença: “quando ela está caída dá uma diferença entre um e outro”. Assim que ela detecta que um está maior que o outro ela pega a fita e enrola em espiral e depois pega três ramos de vassourinha, um objeto para que a pessoa que será benzida segure, em seguida com a fita enrolada pressiona no peito até achar o ossinho e, assim, pressionado, ela começa benzer com o raminho, três vezes, fazendo as suas orações em silêncio, enquanto ouvimos apenas alguns assobios dos seus lábios.

Uma prática que dona do Carmo garante que retira todos os males da pessoa é o “benzimento de corpo inteiro”. Em uma das minhas visitas, ela me mostra como fazer esta prática:

Primeiro a gente tira a capa da bananeira (do tronco), que dê para medir os pés da pessoa os dois, ela tira o molde do pé cortando as capas, logo após isso ela começa a fazer listra no molde rezando a sua oração e pergunta para a dona do maldade, “o que é que eu corto”, e a pessoa responde “taboa”, pergunto por que taboa ela responde por que tem que ser algo para cortar e que seja duro para o mal ficar lá e ela conseguir tirar da pessoa. (DO CARMO, 2019).

Esse tipo de prática é feito em pessoas adultas. Já dona Jandira me mostra uma prática semelhante a essa com recém-nascidos:

Eu ponho a criança no tapete e risco a faca em volta, aí tiro a criança daí, e pergunto para a mãe o que é que eu corto, e vou passando a faca no chão três vezes, e pergunto três vezes corto cabeça ou rabo aí tiro o tapete, ponho um tapete novo, coloco a criança em cima de novo risco em volta e torna corta de novo, faço isso três vezes, para cortar o sapim bravo, aí você pergunta para a mãe o que é que eu corto sapim bravo, aí passa a faca. Pega o bicarbonato ponha em um pouquinho de água aí pega a colher enrola na fralda e passa na boca do neném, limpa tudo (JANDIRA, 2019).

Dona Jandira me contou que benze de mal olhado, pasto: “benzo de mal olhado, pasto dos outros, tropear bichinho do pasto, tropear cobra, cortar sapinho do neném. Se a pessoa procurar, eu faço. Todos os dias, se for preciso” (DIÁRIO DE CAMPO, 2019). Ela me conta como se benze o pasto e as pessoas, que são coisas diferentes. Cada um tem uma oração específica e um ritual para isso. As pessoas se benzem de uma forma e o pasto de outra forma, com outras orações e gestos:

Pega a água benta reza uma ave maria e joga, vai jogando em cada canto do pasto com o raminho assim, do lado que o sol nasce para o lado que o sol se ponha, e aí fala assim, quero que Jesus pegue estes bichos peçonhentos que não faça mal a ninguém, vai para o mar salgado e não faça mal a ninguém, aí o pasto está benzido aí os bichos vai embora (JANDIRA, 2019).

Rute me fala sobre um dos chás que ela aprendeu com sua mãe e que hoje ela ensina para as pessoas que vem até a sua mãe. Por questões de saúde, muitas vezes, é ela mesma que atende essas pessoas. Ela não benze por não saber as orações e por considerar que não tem o dom de benzer, mas ela conhece muitos sobre chás e remédios naturais:

Um chá muito bom para a infecção urinária, vai o canjuru, Tansagem, Folha de algodão roxo e Cana de macaco. Mas os mais eficazes mesmo é a folha de algodão roxo, a trassagem e o canjuru. E esse inclusive é o mais procurado por aqui, eu tenho essas plantas aqui. Você ferve e passa o dia bebendo, deixa ela natural e vai bebendo, toda hora que dá vontade de beber água, você vai e bebe um pouco desse chá, no outro dia você faz de novo o chá até enterrando sete dias, só que tem que tomar mais cuidado com o anticoncepcional, que ele limpa muito, limpa o útero a bexiga, se não vai até um bebezinho sem está precisando (DONA JANDIRA, 2019).

E sabe de tantos outros chás que ela aprendeu com sua mãe, por observá-la, como o chá de erva cidreira ou capim santo que ajudam a fazer com que a criança se sinta bem, pois estes chás têm propriedade calmante. Ela me explica que aprendeu muita coisa com sua mãe, como

quando a criança nasce e fica amarelinha, elas chamam de *tirissa* (icterícia), e recomendam dar um banho de picão e banho de sol.

Estas práticas de benzeção e de manipulação de ervas são culturalmente diversas e envolvem variadas doenças e diferentes processos de cura. Atualmente, estas práticas passam por um processo de desvalorização cultural, com a negação dos saberes e da cultura camponesa, que afetam negativamente o processo de cuidado da saúde e da vida, levando a um apagamento histórico.

No caso aqui estudado, as benzedeadas são parte daquilo que Brandão (1983) chama de Catolicismo Popular, situado historicamente às margens da Instituição da Igreja Católica. Muito comum no meio rural, quando os padres eram/são muito raros e as missas mais ainda, a religiosidade e a fé do povo eram/são vivenciadas sem tanta presença da igreja oficial. Os mais antigos é que invocavam/invocam Deus para a proteção de sua família e a cura de certos males que não poderiam ser curados facilmente. Com o decorrer do tempo e as transformações aceleradas, isso tem mudado. As rezas e a benzeção estão diminuindo, sendo taxadas como algo errado, estranho. Na Diocese de Ji-Paraná, que atua na comunidade de Estrela de Rondônia, essas práticas têm encontrado resistência oficial por parte de setores da Igreja, incluindo padres, que recriminam quem faz uso dos saberes tradicionais, alegando que o contato com Deus não pode ser praticado por um leigo, apenas por quem era ordenado. Madrinha Vanda fala que, com a proibição dos padres, quase cogitou a ideia de parar de benzer por ser pecado:

Um dia eu fui para me confessar, aí os padres falando que procurar benzedeadas curandeiras era pecado, aí eu pensei como eu era uma benzedeadas então eu tô com um montão de pecado, aí eu peguei e fui para confessar aí quando eu cheguei lá, fiz o nome do pai e o padre pergunta quais são os seus pecado, e eu falei padre eu tenho um monte padre eu sou benzedeadas, pois quem vai em benzeção já é pecado e eu que benzo, aí ele olhou bem em mim e perguntou filha como você benze, aí eu respondi olha padre eu não posso falar mas para o senhor eu vou falar, aí eu rezei a oração que eu faço, das benzeção e ele falou ó minha filha isso é bom demais, continua benzendo isso é uma oração que isso é bom, a gente não quer é curandeira feitiçaria, essas coisa, mais benzeção de oração isso eu aprovo pode continuar, aí eu fiquei tão aliviada me esbaldei aí eu continuei aí eu não tenho pecado. (VANDA, 2018).

Com a falta de informação ou mesmo pelo preconceito que já foi estabelecido, a igreja acaba colocando dúvidas nas práticas de benzeção, se é certo ou errado, e assim as tradições acabam sendo esquecidas, sem mesmo saberem quão boas essas práticas podem ser para o povo camponês. Dessa forma, a igreja acaba influenciando a juventude a não praticar mais estes rituais. Dentro das minhas observações, desponta o fato de que os jovens ficaram constrangidos

e com vergonha de procurar benzedeadas, logo não se sentem mais a vontade de aprender a benzer.

5 OS GRANDES DESAFIOS DA SUCESSÃO E O DESINTERESSE DA JUVENTUDE

Em meus encontros como minhas benzedeadas, querendo saber sobre como se faz a sucessão das práticas de benzeção, e se elas têm o desejo de que as suas orações continuem, noto a grande dificuldade que encontram de mostrar para as novas gerações a importância desses saberes. Suas filhas e filhos não têm o interesse de aprender e com isso elas não sabem a quem transmitir. Dona do Carmo mesmo diz que ensinou sua filha Tica as orações, mas só que ela tem muita vergonha de benzer. Ela menciona que, quando tinha a mesma idade, também ficava envergonhada, e com a idade isso vai se perdendo, mas ela fica com medo de que não continuem a sua tradição.

Minha Madrinha fala que tem que passar esse conhecimento para mais alguma, e se refere a mim para aprender, as orações e as práticas. O meu receio é que eu não tenha toda esta fé e esse poder que ela possa estar depositando em mim, e que tudo isso seja uma grande responsabilidade. Na entrevista com Dona Jandira, quando eu indago se ela já ensinou ou se alguns de sua família se interessaram em aprender a benzer, ela me responde que dentro da sua família nem um dos filhos teve interesse em aprender. Rute, filha de Dona Jandira, aprendeu todos os chás e ervas que sua mãe cultivava no quintal, sabe o nome de todas e para que serve cada uma, mas me diz que não tem o dom de benzer e sentir o que as pessoas têm:

A mãe sempre benze nós aqui de casa até quando a gente não está esperando ela vai e benze a gente, por que ela sente que a gente precisa né, mas as benzedeadas não gosta muito de benzer a pessoa de casa né, eu não sei muito bem o porquê, “ se eu tivesse o dom né eu saberia”, por que não gosta de benzer as pessoas de casa e quando a pessoa está precisando né (JANDIRA, 2019).

Ela se justifica dizendo que não tem o dom, e que para ser uma benzedeadas tem que ter esse dom, que não mais na atual juventude, porque não acreditam e também não se tem mais a fé dos povos antigos. Em meu diário de campo eu registrei a impressão que eu tive desta conversa, de que o jovem tem medo de admitir que possa ter o dom de benzer, como eu quando fui indagada por minha tia e minha orientadora se eu poderia ser a próxima a suceder as rezas de minha família. O peso da responsabilidade com o outro e as dúvidas de que, através da fé em um Deus, as palavras que vou proferir irão curar as pessoas, aumentam os receios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste processo de pesquisa, nota-se que o conhecimento e a cultura camponesa não são apenas orações em um pedaço de papel, mais sim uma vida escrita através de muita luta e resistência, feito pelo olhar das mulheres camponesas, na força de vontade, tempo e dedicação que elas têm para fazer o bem, ajudando as pessoas, o que é simplesmente incrível, e, mais ainda, haver um curso que proporciona quem camponeses estudem e mostrem como é a vivência do campesinato. Algo parecido ao que Meneses e Silva dizem:

Toda a experiência social produz e reproduz conhecimento e, ao fazê-lo, pressupõe uma ou várias epistemologias. Epistemologia é toda a noção ou ideia, refletida ou não, sobre as condições do que conta como conhecimento válido. É por via do conhecimento válido que uma experiência social se torna intencional e inteligível. Não há, pois, conhecimento sem práticas e atores sociais. (SANTOS; MENESES, 2009, p.7).

Tudo que está fora da sala de aula e que pode ser transmitido e refletido em conhecimento válido, que essas mulheres conseguem mostrar além das suas práticas, evidencia o conhecimento adquirido com os anos que já viveram e a riqueza de compartilhar esse conhecimento com as pessoas que as procuram. Além de serem pessoas incríveis, são mulheres guerreiras que foram lapidadas com o tempo, por duras penas. Cada uma delas têm o seu estilo de benzimento, assim, Dona Jandira, Dona do Carmo e madrinha Vanda me contam como essa prática foi passada para elas, com histórias de vida totalmente diferentes, mas que encontram uma mesma sintonia, todas querendo fazer o bem ao próximo.

Vem daí a necessidade de fortalecimento dos saberes tradicionais das comunidades rurais e a valorização do protagonismo da mulher camponesa. Diante do envelhecimento da população rural, para quem seus ensinamentos vão ser transmitidos? É pelo campo que nós nos alimentamos, e não apenas de comida, mas também de conhecimento. Essa é nossa riqueza, que devemos valorizar e não deixar se perder no tempo.

O trabalho mostra a importância do povo camponês, e como se dá sua transmissão de conhecimento, resgatando uma crença, um saber e um estilo de vida de um grupo de pessoas, que vem se perdendo com o passar do tempo, por causa, muitas vezes, da própria sociedade que vê com preconceito essa a prática de benzeção. Por isso procurei mostrar neste artigo como é importante o resgate desta cultura para a sociedade, evidenciando quão rico o campesinato pode ser, e como a figura feminina é importante para que esta memória do campesinato possa continuar viva, dentro da vida das próximas gerações.

Trazendo a força de mulheres que atravessam as barreiras e continuam sempre seguindo em frente, buscando soluções para o que dizem que não há, rompendo o machismo e o patriarcado, trazendo a tradição e a cultura de um povo tão marginalizado, que muitos afirmam não existir ou que não fazem diferença... mas elas mostram, na sua simplicidade, que são muito importantes para o equilíbrio de uma vida.

*De menina a mulher
 De ramos na mão a curar
 De desconhecida a reconhecida
 As benzedeadas que conhecem a medicina
 A camponesa que sonha em escrever o seu nome
 Que das ervas sabe lidar
 E com uma simples oração sabe curar
 De bruxas renegadas a benzedeadas reconhecidas
 De saberes que para uns não vale nada
 Que para muitos vale a vida
 Mulheres de fé
 De ramos na mão e sua oração
 Traz a tradição a cultura e a emoção
 Daquilo que se tenta esconder
 Mostra que a universidade não é o único lugar que se pode aprender
 Taty Federichi*

HISTORIAS DE AQUELLOS QUE SABEN ORAR: LAS BENDICERAS DE ESTRELA DE RONDÔNIA

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre las historias de tres mujeres campesinas del distrito de Estrela de Rondônia, en Presidente Médici, región central de Rondônia, a partir de sus prácticas de bendición. La investigación, que tenía un carácter etnográfico, se centró en el conocimiento, las experiencias y las historias de las benzedeadas de Estrela de Rondônia, en diálogo con lo que revelan estas prácticas sobre las relaciones familiares intergeneracionales, las relaciones de género y la atención. La investigación tuvo como objetivo conocer a estas mujeres a través de sus historias de vida y cómo fueron reconocidas en la región. Desde este punto de vista, el artículo aproxima las bendiciones y la Educación Rural, valorando las prácticas populares de salud, cruzando el conocimiento científico y el conocimiento popular. La experiencia de estas mujeres indica que, a pesar de la devaluación del conocimiento tradicional en la sociedad, la bendición tiene una importancia significativa en el entorno social donde opera la bendición de Estrela de Rondônia. Estas prácticas movilizan simultáneamente tradiciones e innovaciones del campesinado, simbolizando la resistencia y el coraje de las mujeres rurales. El artículo también analiza los desafíos para mantener viva esta práctica, con la sucesión de este conocimiento amenazado por el desinterés de los jóvenes. Esta es una contribución contra el borrado histórico del conocimiento del campesinado, especialmente de las mujeres campesinas.

Palabras clave: Educación del Campo. Mujeres campesinas. Conocimientos tradicionales.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, M. G., CALDART, R. S. e MOLINA, M. C. (orgs) **Por Uma Educação do Campo**. 5ª ed., Petrópolis: Vozes, 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os Deuses do Povo**, São Paulo, Brasiliense, 1980

_____. **Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense 6ª edição. 1986.

_____. **Sacerdotes de viola**. Petrópolis: Vozes, 1981

_____. **O que é educação**. 19.ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. **A educação como cultura**. Campinas São Paulo, 2002. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. Sociedade e cultura, v. 10, n. 1, p. 11-27, jan./jun. 2007.

COSTA, M. Homeopatia popular: 20 anos dinamizando vidas, promovendo cidadania. In: AUTORES COLETIVOS. **Homeopatia popular** – 20 anos dinamizando vidas, promovendo cidadania. Ji-Paraná-RO: Coleção homeopatia popular e cidadania, 2010.

CUNHA, Lidiane Alves da. ASSUNÇÃO, Luiz Carvalho. Abençoada cura: poéticas da voz e saberes de benzedeadas. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 09, n. 27, p. 189-227, jan/abr 2017.

DEL PRIORE, Mary. Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino. In. Del Priore, Mary; Bassanezi, Carla. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2001. p.78-114.

DIÁRIO DE CAMPO. Produzido por Tatiane dos Santos Federichi. 2019.

DO CARMO. **Entrevista com Madrinha Vanda realizada por Tatiane dos Santos Federichi**. 2019.

DO CARMO. **Entrevista com Madrinha Vanda realizada por Tatiane dos Santos Federichi**. 2017.

FAVRET-SAADA, J. Ser afetado (tradução de Paula de Siqueira Lopes). **Cadernos de Campo**, n. 13, p. 155-161, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997

JANDIRA. **Entrevista com Dona Jandira realizada por Tatiane dos Santos Federichi**. 2019.

KRAEMER, Heinrich; SPRENGER, James. **O martelo das feiticeiras**. 28 ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

MENESES, Maria Paula. Introdução. IN: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo; Editora Cortez. 2010.

NOGUEIRA, Léo Carrer; Versonito, Suelen Malheiro; TRISTÃO, Bruno das Dores. **O dom de benzer: a sobrevivência dos rituais de benzeção nas sociedades urbanas – o caso do Município de Mara Rosa, Goiás, Brasil**. Élisée, Revista de Geografia, UEG – Goiânia, v,1, n.2, p. 167-181, jul/dez. 2012.

OLIVEIRA, E. R. 1985. **O que é benzição**. São Paulo: Ed. Brasiliense.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **Doença, cura e benzedura: um estudo sobre o ofício da benzedeira em campinas**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). São Paulo: UNICAMP, 1983.

OLIVEIRA, D. F., HEINECK, D. T.; FELZKE, L. **Núcleos Urbanos de Apoio Rural do Estado de Rondônia: Emancipação ou Estagnação?**. In: SBPC, 2005, Fortaleza/Ceará. 57a. reunião Anual da SBPC, 2005.

SANTOS, F. V. do. O Ofício das rezadeiras como Patrimônio cultural: religiosidade e saberes de cura em Cruzeta na região do Seridó Potiguar. **Revista CPC**. São Paulo, n.08. p. 6-35. Maio de 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo; Editora Cortez. 2010.

SILVA, Giselda Shirley. **Um cotidiano partilhado: Entre práticas e representações de Raizeiros e Benzedeiros (Remanescente de Quilombo de Santana da Caatinga – MG / 1999 – 2007)**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós – Graduação em História. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

VANDA. **Entrevista com Madrinha Vanda realizada por Tatiane dos Santos Federichi**. 2017.

VANDA. **Entrevista com Madrinha Vanda realizada por Tatiane dos Santos Federichi**. 2018.

VANDA. **Entrevista com Madrinha Vanda realizada por Tatiane dos Santos Federichi**. 2019.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. Brasília: UNB, 1994, Vol. 1, Cap. V “Sociologia da Religião (Tipos de Relações Comunitárias Religiosas)” (p. 279-418).